

A vida de Magnus Bane,
o feiticeiro de *Os instrumentos mortais*

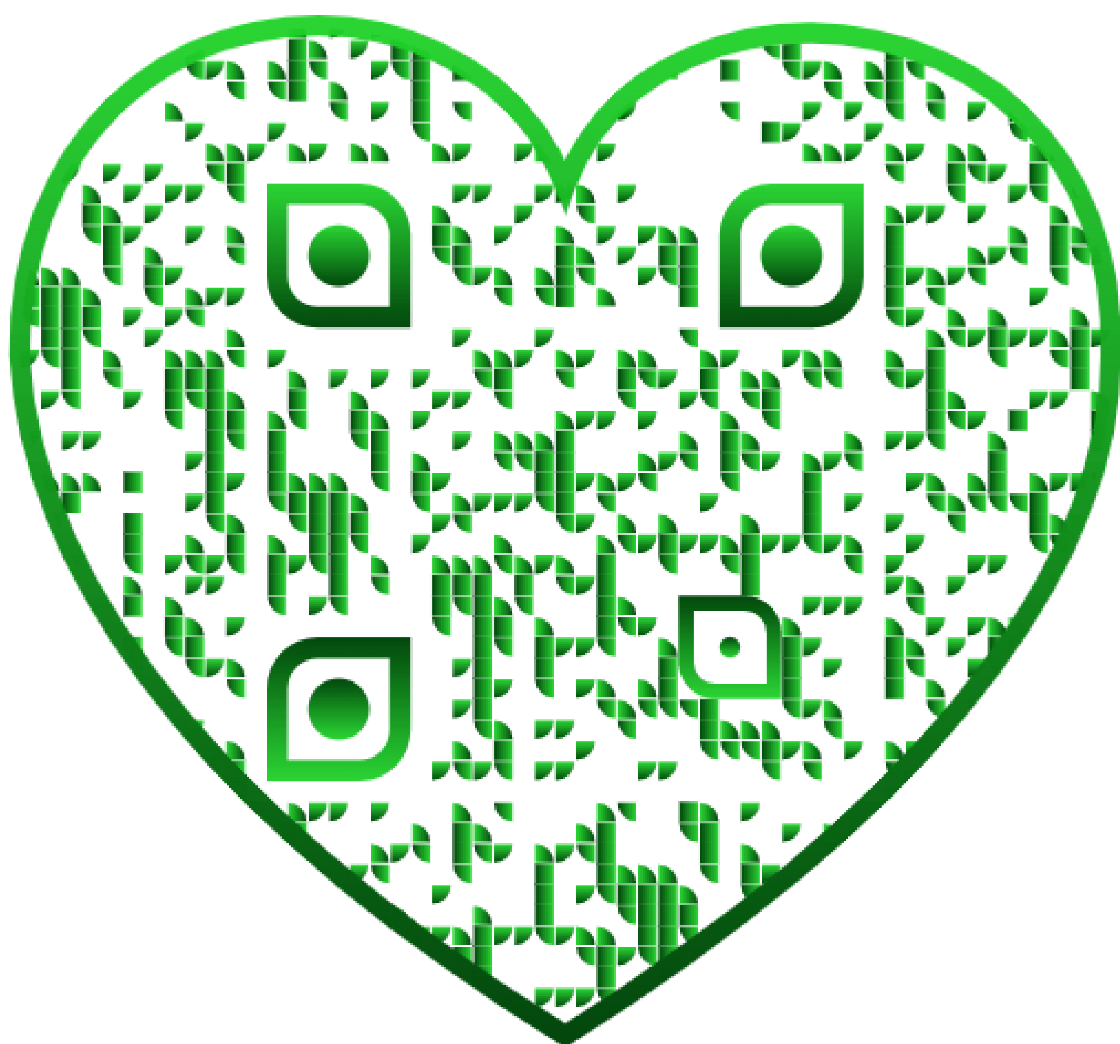
AS CRÔNICAS DE

Bane

vol. 6

Salvando Raphael Santiago

CASSANDRA CLARE
e
SARAH REES BRENNAN



Cassandra Clare
e
Sarah Rees Brennan

Salvando Raphael Santiago

As Crônicas de Bane

Tradução de
Rita Sussekind

1ª edição



2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Clare, Cassandra, 1973-
C541c As crônicas de bane [recurso eletrônico]: salvando Raphael Santiago / Cassandra Clare; tradução Rita Sussekind. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2014.
recurso digital (As crônicas de Bane; 6)

Tradução de: The Bane chronicles: saving Raphael Santiago
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-40482-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônico. I. Sussekind, Rita. II. Título. III. Série.

14-12796 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Salvando Raphael Santiago

Houve uma violenta onda de calor no fim do verão de 1953. O sol agredia a calçada, que parecia mais plana por submissão, e alguns meninos de Bowery estavam abrindo um hidrante para fazer um chafariz na rua e se refrescar por alguns minutos.

Era o sol que o estava afetando, pensou mais tarde, e que o encheu com o desejo de ser um investigador particular. O sol e o romance de Raymond Chandler que acabara de ler.

Mas havia um problema com a ideia. Nas capas de livros e nos filmes, a maioria dos detetives parecia trajar ternos dominicais próprios de comemorações provincianas. Magnus almejava lavar a mancha dE sua nova profissão se vestindo de uma forma ao mesmo tempo adequada, elegante e ousada. Ele dispensou o casaco e acrescentou punhos de veludo verde ao terno cinza, e um chapéu de aba curva.

O calor era tão terrível que o feiticeiro teve que tirar o paletó assim que pisou na rua; mas o que vale é a intenção, e, além disso, ele estava com suspensórios verde-esmeralda.

A decisão de se tornar detetive não se baseou exclusivamente no guarda-roupa. Ele era um feiticeiro, e pessoas – bem, nem todo mundo os consideraria pessoas – constantemente o procuravam com o intuito de obter soluções mágicas para seus problemas, o que ele concedia, por um

preço. Por Nova York, se espalhou a notícia de que Magnus era o feiticeiro capaz de tirar as pessoas de qualquer complicação. Havia também um Santuário, no Brooklyn, caso alguém precisasse se esconder, mas a bruxa que o coordenava não resolvia problemas. Era ele quem resolvia. Então, por que não ser pago para isso?

Magnus não achou que a simples decisão de se tornar um detetive particular fizesse com que um caso pousasse em seu colo assim que pintou as palavras MAGNUS BANE, DETETIVE PARTICULAR na janela com letras grandes e pretas. Mas, como se alguém tivesse soprado sua ideia no ouvido do Destino, um caso apareceu.

Magnus voltou ao apartamento após uma casquinha de sorvete e, quando a viu, ficou satisfeito por já tê-la consumido. Era evidente que se tratava de uma daquelas mundanas que sabia o suficiente sobre o Mundo das Sombras para procurar Magnus em busca de magia.

Ele tirou o chapéu para ela e perguntou:

– Posso ajudá-la, senhorita?

Ela não era uma loura de fazer um bispo quebrar um vitral. Era uma mulher baixa e morena, e, apesar de não ser linda, tinha um charme brilhante e inteligente o bastante para que, se quisesse vitrais quebrados, Magnus quebraria que pudesse. Usava um vestido xadrez ligeiramente desbotado, mas ainda muito bonito, com uma faixa na cintura fina. Parecia ter quase 40 anos, a mesma idade da atual companheira de Magnus, e, sob os cabelos negros e ondulados, tinha um rosto em forma de coração e sobrancelhas tão finas que lhe conferiam um ar desafiador, que a deixava ao mesmo tempo mais atraente e mais intimidante.

Ela apertou a mão dele, e a dela era pequena, porém, firme.

– Meu nome é Guadalupe Santiago – disse. – Você é um... – Acenou com a mão. – Não conheço a palavra exata. Um mago, um fazedor de magia.

– Pode dizer "feiticeiro", se quiser – explicou. – Não importa. O que quer dizer é que sou alguém com poder para ajudá-la.

– Isso – respondeu Guadalupe. – Foi isso mesmo que quis dizer. Preciso de sua ajuda. Preciso que salve meu filho.

Magnus a convidou a entrar. Achou que estava entendendo a situação, agora que ela havia pedido ajuda para um parente. As pessoas frequentemente o procuravam em busca de cura, não tanto quanto procuravam Catarina Loss, mas, ainda assim, havia certa frequência. Ele preferia mil vezes curar um jovem mundano a um daqueles Caçadores de Sombras arrogantes que o procuravam sempre, mesmo que com o mundano ganhasse menos dinheiro.

– Fale-me sobre seu filho – pediu.

– Raphael – disse Guadalupe. – O nome dele é Raphael.

– Fale-me sobre Raphael – disse Magnus. – Há quanto tempo ele está doente?

– Não está doente – respondeu Guadalupe. – Temo que esteja morto – observou, com a voz inabalável, como se não estivesse falando do mais terrível temor de todos os pais.

Magnus franziu o rosto.

– Não sei o que lhe disseram, mas quanto a isso não posso ajudá-la.

Guadalupe levantou a mão.

– Não é uma doença comum, nem nada que alguém do meu mundo possa curar – contou. – É sobre seu mundo e como se cruzou com o meu. É sobre os monstros aos quais Deus deu as costas, aqueles que vivem no escuro e atacam inocentes.

Ela deu uma volta pela sala, e a saia xadrez esvoaçou sobre as pernas morenas.

– *Los vampiros* – sussurrou.

– Ah, meu Deus, não os vampiros sanguinários de novo – respondeu Magnus. – Sem duplo sentido.

Após proferir as temidas palavras, Guadalupe recobrou a coragem e continuou a história.

– Todos nós já ouvimos boatos sobre tais criaturas – falou. – Depois foram mais do que boatos. Um dos monstros passou a circular pela

vizinhança. Pegando garotinhas e garotinhos. O irmão caçula de um dos amigos do meu Raphael foi levado e, depois, encontrado quase na entrada da própria casa, o corpinho quase sem sangue. Rezamos, todas as mães rezamos, todas as famílias rezaram, para que a praga sumisse. Mas meu Raphael começou a andar com um bando de meninos um pouco mais velhos do que ele. Bons meninos, sabe, de boas famílias, mas um pouco... brutos, querendo muito mostrar que eram homens antes de serem de fato, se é que me entende?

Magnus já tinha parado de fazer piadas. Um vampiro caçando crianças por esporte – um vampiro que tinha gosto pela atividade, e sem indício de parar – não era piada. Ele fitou os olhos de Guadalupe com expressão séria e respeitosa para mostrar que entendia.

– Eles formaram uma gangue – disse Guadalupe. – Não uma das gangues de rua, mas... bem, era para proteger nossa rua contra o monstro, disseram. Eles o seguiram até o covil uma vez, e todos ficaram falando sobre como sabiam onde ele ficava, e como poderiam pegá-lo. Eu deveria... eu não prestei atenção à conversa dos meninos. Temi pelos meus garotos mais novos, e tudo parecia um tipo de brincadeira. Mas então Raphael e todos os seus amigos... desapareceram, há algumas noites. Já passaram noites inteiras na rua antes, mas, desta vez... desta vez, está demorando demais. Raphael jamais me deixaria preocupada desse jeito. Quero que você descubra onde está o vampiro, e quero que vá atrás do meu filho. Se Raphael estiver vivo, quero que o salve.

Se um vampiro tinha matado crianças humanas, uma gangue de adolescentes o caçando seria como bombons entregues em domicílio. O filho desta mulher estava morto.

Magnus inclinou a cabeça.

– Tentarei descobrir o que aconteceu com ele.

– Não – disse a mulher.

Magnus se viu olhando para cima, paralisado pela voz da moça.

– Você não conhece meu Raphael – falou. – Mas eu o conheço. Ele está com meninos mais velhos, mas não é um maria vai com as outras. Todos o

ouvem. Só tem 15 anos, mas é tão forte, rápido e esperto quanto um adulto. Se apenas um sobreviver, será ele. Não vá procurar um corpo. Salve Raphael.

– Você tem a minha palavra – prometeu Magnus com sinceridade.

Ele teve pressa em sair. Antes de visitar o Hotel Dumont, o local abandonado por mortais e assombrado por vampiros desde a década de 1920, e onde Raphael e os amigos foram, Magnus tinha outras investigações a fazer. Outros integrantes do Submundo saberiam sobre um vampiro que transgredia a Lei tão abertamente, mesmo que torcessem para que os vampiros resolvessem o assunto entre si, mesmo que os outros membros do Submundo ainda não tivessem decidido procurar os Caçadores de Sombras.

Guadalupe apertou a mão de Magnus antes que ele saísse, e os dedos se agarraram aos dele. Seu olhar desafiador havia se tornado suplicante. Magnus teve a impressão de que ela jamais imploraria por si, mas estava disposta a fazê-lo pelo filho.

– Dei a ele um crucifixo para usar no pescoço – relatou. – O padre da Santa Cecília me entregou pessoalmente, e eu o dei a Raphael. É uma cruz pequena e de ouro; com ela, você o reconhecerá. – Sua respiração era entrecortada. – Eu lhe dei um crucifixo.

– Então deu a ele uma chance.

Procure fadas para ouvir fofocas sobre vampiros, procure lobisomens para fofocas sobre fadas, e não fofoque sobre lobisomens, pois eles tentam arrancar seu rosto a dentadas: esse era o lema de Magnus.

Ele conhecia uma fada que trabalhava no Latin Quarter, o clube noturno de Lou Walters, o local mais sujo e desprotegido da Times Square. Magnus tinha assistido a Mae West ali, uma ou duas vezes, e visto uma corista com um feitiço que cobria suas asas de fada e a pele ametista. Ele e Aeval eram amigos desde então – tão amigos quanto se pode ser quando ele e a dama só buscavam informações.

Ela estava sentada nos degraus, já fantasiada. Tinha muita carne lilás delicada à mostra.

– Estou aqui para ver uma fada por causa de um vampiro – disse ele com a voz baixa, e ela riu.

Magnus não conseguiu rir de volta. Ele tinha a impressão de que não conseguiria se livrar tão cedo da lembrança do rosto de Guadalupe, nem do aperto dela em seu braço.

– Estou procurando um menino. Humano. Provavelmente levado por alguém do clã do Harlem espanhol.

Aeval deu de ombros, um movimento fluido e gracioso.

– Você sabe como são os vampiros. Poderia ser qualquer um.

Magnus hesitou e, em seguida, acrescentou:

– Dizem que esse vampiro gosta dos bem jovens.

– Nesse caso… – Aeval bateu as asas. Mesmo os integrantes do Submundo mais cascudos não gostavam de pensar em crianças como vítimas. – Talvez eu tenha ouvido falar alguma coisa sobre um tal Louis Karnstein.

Magnus fez um gesto para que ela continuasse, inclinando-se e puxando o chapéu, para que ela pudesse falar ao seu ouvido.

– Ele morava na Hungria até muito pouco tempo. É velho e poderoso, razão pela qual Lady Camille o recebeu tão bem. E tem predileção por crianças. Acha que o sangue é mais puro e doce, considerando que a carne jovem é a mais macia. Foi expulso da Hungria por mundanos que encontraram seu covil… que encontraram todas as crianças ali.

Salve Raphael, pensou Magnus. Parecia uma missão cada vez mais impossível.

Aeval olhou para ele, seus olhos enormes e ovais denunciando uma ligeira preocupação. Quando fadas se preocupavam, era hora de entrar em pânico.

– Faça o que tem que fazer, feiticeiro – disse ela. – Você sabe como os Caçadores de Sombras reagirão se descobrirem sobre alguém assim. Se Karnstein estiver praticando seus velhos truques na nossa cidade, será pior

para todos nós. Os Nephilim vão matar todos os vampiros que virem. Primeiro, virão as lâminas serafim e, depois, as perguntas.

Magnus não gostava de se aproximar do Hotel Dumont se pudesse evitar. Era decrépito e perturbador, trazia muitas lembranças ruins, e ocasionalmente abrigava sua ex-amante.

Mas hoje parecia que não teria como escapar do hotel.

O sol estava escaldante no céu, mas não duraria muito. Se Magnus tinha vampiros a combater, seria melhor fazê-lo no momento em que estivessem mais fracos.

O Hotel Dumont ainda era lindo, mas por pouco, Magnus pensou ao entrar. Estava sendo enterrado pelo tempo, com camadas espessas de teias de aranha formando cortinas em cada arco. Desde os anos 1920, os vampiros consideravam o local como sua propriedade privada e ficavam por lá. Magnus nunca perguntou como Camille e os vampiros se envolveram na tragédia daquela década ou que direito achavam que tinham sobre a construção agora. Possivelmente os vampiros apenas gostassem do apelo de um lugar que era, ao mesmo tempo, decadente e abandonado. Mais ninguém se aproximava. Os mundanos diziam que era mal-assombrado.

Magnus não havia abandonado a esperança de que os mundanos voltariam, reclamariam o hotel e o restaurariam, espantando os vampiros. Camille ficaria extremamente irritada.

Uma jovem vampira correu pela entrada em direção a Magnus, as cores vermelha e verde do vestido e o cabelo tingido de hena vívidos nas sombras cinzentas.

– Você não é bem-vindo aqui, feiticeiro! – disse ela.

– Não sou? Meu Deus, que gafe social! Peço desculpas. Antes de me retirar, posso fazer uma pergunta? O que você pode me contar a respeito de Louis Karnstein? – perguntou Magnus em tom indiferente. – E sobre as crianças que ele tem trazido para o hotel e assassinado?

A menina se esquivou como se Magnus tivesse queimado seu rosto com um crucifixo.

– Ele é hóspede daqui – disse ela, em voz baixa. – Lady Camille disse que deveríamos recebê-lo com todas as honras. Não sabíamos.

– Não? – perguntou Magnus, e a incredulidade tingiu-lhe a voz como uma gota de sangue na água.

Os vampiros de Nova York eram cuidadosos, obviamente. Havia pouquíssimo derramamento de sangue humano, e quaisquer "acidentes" eram rapidamente encobertos, debaixo do nariz dos Caçadores de Sombras. Magnus não teria dificuldade em acreditar, contudo, que se Camille tivesse motivos para agradar a um convidado, ela permitiria que ele cometesse até assassinato. E o faria com tanta facilidade quanto o encheria de luxos: prata, veludo e vidas humanas.

E Magnus em nenhum momento acreditou que, uma vez que Louis Karnstein trouxesse as carnes suculentas para casa, assumindo toda a culpa, mas disposto a dividir parte do sangue, os outros não se deliciassem. Olhou para a delicada menina e ficou imaginando quantas pessoas ela teria matado.

– Você prefere – perguntou muito gentilmente – que eu vá e volte com os Nephilim?

Os Nephilim – os monstros dos monstros e de todos os que poderiam ser monstros. Magnus tinha certeza de que esta menina poderia ser monstruosa se quisesse. Sabia que ele próprio podia ser um monstro.

E sabia outra coisa. Não pretendia deixar um menino no covil dos monstros.

Os olhos da garota se arregalaram.

– Você é Magnus Bane – disse ela.

– Sim – respondeu Magnus. Às vezes, era bom ser reconhecido.

– Os corpos estão lá em cima. No quarto azul. Ele gosta de brincar com eles… depois. – Ela deu de ombros e saiu da frente, desaparecendo nas sombras.

Magnus ajeitou os ombros. Presumiu que a conversa tivesse sido escutada, considerando que não o desafiaram e que nenhum outro vampiro chegou enquanto ele se dirigia à escadaria curva, cujo dourado e escarlate perdiam-se sob um tapete cinza, porém, de formato intacto. Ele subiu até os apartamentos, onde sabia que o clã dos vampiros de Nova York recebia seus convidados valiosos.

Encontrou o quarto azul com facilidade: era um dos maiores e provavelmente havia sido o mais grandioso do hotel. Se ainda fosse um hotel normal, o hóspede deste aposento teria que pagar uma quantia substancial. Um buraco fora aberto no teto alto. O teto arqueado era pintado de azul-claro, da cor de ovos de melro, o tom delicado que artistas imaginavam que teria o céu de verão.

O verdadeiro céu de verão se mostrava através do buraco no teto, um branco ardente e impiedoso, tão implacável quanto a fome que impulsionava Karnstein, que ardia tão brilhante quanto uma tocha empunhada por alguém prestes a encarar um monstro.

Magnus viu poeira por todo o chão, poeira que ele não considerava apenas um indício do acúmulo do tempo. Ele viu poeira e viu corpos: encolhidos, descartados como bonecas de retalho, espalhados como aranhas esmagadas no chão contra as paredes. Não havia qualquer graciosidade na morte.

Havia corpos de meninos adolescentes, os que tinham se encaminhado até aqui em uma caçada destemida para pegar o predador que vinha rondando a vizinhança; que acreditaram inocentemente que poderiam triunfar. E havia outros, corpos mais antigos de crianças mais jovens. As crianças que Louis Karnstein havia raptado nas ruas de Raphael Santiago, que matara e guardara.

Não havia como salvá-las, pensou Magnus. Neste quarto não havia nada além de sangue e morte, e o eco do medo, a perda de qualquer possibilidade de redenção.

Portanto, Louis Karnstein estava louco. Às vezes acontecia, com a idade e a distância da humanidade. Magnus tinha visto acontecer com um

feiticeiro há trinta anos.

Magnus ansiava para que, se ele próprio enlouquecesse assim, a ponto de envenenar todo o ar que o cercava e de machucar todos que se aproximassem, houvesse alguém que o amasse o suficiente para contê-lo. Matá-lo, se fosse preciso.

Esguichos arteriais e marcas de mãos ensanguentadas decoravam as paredes azuis, e no chão viam-se poças escuras. Havia sangue humano e de vampiro: sangue de vampiro era de um vermelho mais profundo, que permanecia vermelho mesmo depois de seco, vermelho eterno. Magnus se aproximou das manchas, mas em uma das poças de sangue humano viu algo brilhando, imerso quase além da esperança, mas com um brilho teimoso que chamou sua atenção.

Magnus se inclinou e pescou o objeto brilhante da poça. Um crucifixo, pequeno e dourado, e pensou que ao menos poderia devolvê-lo a Guadalupe. Guardou-o no bolso.

O feiticeiro deu um passo para a frente, depois mais um. Não tinha certeza se o chão o sustentaria, disse a si mesmo, mas sabia que esta era apenas uma desculpa. Não queria andar no meio de toda aquela morte.

Mas, de repente, percebeu que precisava.

Precisava porque, no canto mais distante do quarto, nas sombras mais escuras, ouviu horríveis ruídos gulosos de sucção e viu um menino nos braços de um vampiro.

Magnus levantou a mão, e a força de sua mágica lançou o vampiro pelo ar, até uma das paredes sujas de sangue. Ele ouviu um estalido e viu o vampiro se encolher no chão. Não ficaria caído por muito tempo.

O feiticeiro correu pelo recinto, tropeçando sobre os corpos e escorregando no sangue; caiu de joelhos ao lado do menino e pegou-o em seus braços. Era jovem, tinha 15 ou 16 anos, e estava morrendo.

Magnus não tinha como encher um corpo de sangue com mágica, principalmente um corpo que já estava perdendo as forças com a falta de sangue. Ele apoiou a cabeça caída do menino em uma das mãos, observou

as pálpebras trêmulas e esperou para ver se haveria algum momento em que o menino seria capaz de se concentrar e no qual Magnus se despediria.

O menino não olhou para ele, nem falou. Agarrou a mão do feiticeiro. Magnus achou que fosse reflexo, como um bebê, mas Magnus esperou e tentou oferecer ao menino o conforto que podia.

O menino respirou uma vez, duas, três, e, em seguida, sua mão afrouxou.

– Você sabe o nome dele? – perguntou asperamente para o vampiro que o matara. – Era Raphael?

Ele não sabia por que tinha perguntado. Não queria saber que o menino que Guadalupe o mandara salvar tinha acabado de morrer em seus braços, que o último integrante daquela missão galante e fracassada para salvar inocentes quase tinha sobrevivido o bastante – mas não o suficiente. Não conseguia esquecer o olhar suplicante de Guadalupe Santiago.

Magnus olhou para o vampiro, que não tinha se movido para atacar. Estava sentado, encolhido contra a parede onde Magnus o lançara.

– Raphael? – falou o vampiro lentamente. – Você veio procurar Raphael? – E deu um riso curto, agudo, quase incrédulo.

– Qual é a graça? – perguntou Magnus.

Uma fúria sombria inflou em seu peito. Há muito tempo não matava um vampiro, mas estava disposto a fazer isso.

– Porque eu sou Raphael Santiago – disse o menino.

Magnus encarou o menino-vampiro-Raphael. Estava com os joelhos no peito, abraçando-os. Sob a cabeça cheia de cachos soltos havia um rosto em forma de coração como a da mãe, olhos grandes e escuros que encantariam mulheres – ou homens – quando ele crescesse, e uma boca macia e infantil manchada de sangue. O sangue cobria a parte inferior do rosto, e Magnus enxergou o brilho branco de dentes contra o lábio inferior de Raphael, como diamantes na escuridão. Ele era a única coisa que se mexia naquele terrível cenário de coisas imóveis. Ele tremia, e os tremores curtos percorriam seu corpo, sacudindo tanto que Magnus conseguia enxergá-los, tanto que parecia violento, o frio de alguém tão frio que estava prestes a

mergulhar em imobilidade e morte. Este quarto cheio de morte estava tão quente quanto os mundanos imaginariam que fosse o Inferno, mas o menino tremia como se estivesse com tanto frio, que jamais fosse conseguir se aquecer novamente.

Magnus se levantou, moveu-se cuidadosamente entre poeira e mortos até estar suficientemente próximo ao vampiro, e então falou suavemente:

– Raphael?

Ele levantou a cabeça ao ouvir o som da voz de Magnus. Já tinha visto muitos vampiros de pele branca como sal. A de Raphael ainda era morena, mas não tinha o tom quente da mãe. Não era mais a carne de um menino vivo.

Não havia como salvar Raphael.

Suas mãos encontravam-se cobertas de terra e sangue, como se ele tivesse saído do túmulo há muito pouco tempo. Seu rosto também estava sujo com terra de cemitério. Tinha cabelos pretos, uma massa suave de cachos que a mãe provavelmente adorava acariciar, que teria afagado quando ele tinha pesadelos e chamava por ela, que tocava com dedos leves enquanto ele dormia e ela não queria acordá-lo, cabelos dos quais ela provavelmente guardou um cacho de bebê. Aqueles cabelos estavam cheios de terra de túmulo.

Havia marcas de lágrimas vermelhas em seu rosto, que brilhavam, escuras. Ele tinha sangue no pescoço, mas Magnus sabia que o ferimento já havia fechado.

– Onde está Louis Karnstein? – perguntou Magnus.

Quando se pronunciou, dessa vez em espanhol suave e baixo, Raphael falou:

– O vampiro achou que eu o ajudaria com os outros se ele me transformasse em mais um de sua espécie. – Ele deu uma gargalhada súbita, um barulho louco e forte. – Mas não ajudei – acrescentou. – Não, ele não estava esperando isso. Ele está morto. Virou cinzas que voaram ao vento. – E fez um gesto para o buraco no teto.

Magnus ficou espantado e em silêncio. Era extremamente incomum que um vampiro novo ascendesse e superasse a fome o bastante para raciocinar ou fazer qualquer coisa além de se alimentar. Magnus ficou imaginando se Raphael teria matado mais de um dos amigos.

Não perguntaria, e não apenas porque perguntar teria sido cruel. Mesmo que Raphael tivesse matado e, em seguida, se voltado contra seu mestre, superar Karnstein exigiria uma vontade férrea.

– Estão todos mortos – disse Raphael, aparentemente se controlando.

De repente, sua voz soou clara. Seus olhos negros também ficaram claros ao encarar Magnus, e, em seguida, ele se virou deliberadamente, descartando o feiticeiro como se este fosse irrelevante.

Raphael, Magnus notou com um crescente desconforto, olhava para aquele buraco brilhante no teto, o buraco que indicou ao dizer que Karnstein tinha sido reduzido a cinzas.

– Estão todos mortos – repetiu Raphael lentamente. – E eu também estou.

Ele se esticou, rápido como uma cobra, e saltou.

Somente porque Magnus vira para onde Raphael estava olhando e sabia o que ele estava sentindo, aquela exata sensação extremamente fria de ser um estranho no ninho, tão sozinho que mal parecia existir, é que agiu rápido o suficiente.

Raphael saltou para o ponto de luz letal no chão, e Magnus pulou em sua direção. Derrubou-o antes de ele chegar à luz do sol.

Ele soltou um berro incoerente, como uma ave de rapina, um grito vil que não passava de fúria e fome, que ecoou na mente de Magnus e fez sua carne tremer. Raphael se debateu e se arrastou para o sol, mas o feiticeiro não o soltou, e o menino utilizou toda a sua força de vampiro recém-transformado para tentar se libertar, arranhando e girando. Não tinha hesitação nem remorso, nem nada do desconforto habitual de um novo vampiro com seu poder recém-adquirido. Tentou morder o pescoço de Magnus. Tentou rasgá-lo, membro por membro. Magnus precisou de magia para prender o menino ao chão, e, mesmo com todo o corpo de Raphael

preso, o feiticeiro teve que se desviar das presas do vampiro e somente escapou por pouco.

– Solte-me! – gritou o menino afinal, com a voz falhando.

– Calma, calma – sussurrou Magnus. – Sua mãe me mandou vir, Raphael. Fique quieto. Sua mãe me mandou aqui para encontrá-lo. – Ele pegou o crucifixo dourado que havia encontrado e colocado no bolso e o segurou diante do rosto de Raphael. – Ela me deu isso e me mandou salvá-lo.

Raphael se encolheu diante do crucifixo, e Magnus guardou-o apressadamente, mas não antes de o menino parar de lutar e começar a chorar, com soluços que percorriam todo o seu corpo, como se ele pudesse se livrar de sua nova forma odiada se tremesse e sacudisse o bastante.

– Você é burro? – suspirou. – Você *não pode* me salvar. Ninguém pode fazer isso.

Magnus sentiu o gosto do desespero de Raphael como se fosse sangue. O feiticeiro acreditava nele. Segurou o menino, recém-nascido em terra e sangue, e desejou que o tivesse encontrado morto.

O choro cansou Raphael o suficiente para que ele ficasse dócil. Magnus o levou para sua casa, pois não tinha ideia do que fazer com ele.

Raphael estava sentado, uma pequena tragédia no sofá de Magnus.

Magnus teria lamentado muitíssimo por ele, mas tinha parado em um telefone público a caminho de casa para ligar para Etta no pequeno clube de jazz onde ela se apresentaria esta noite e avisar que ela não deveria aparecer, pois tinha um bebê-vampiro com o qual lidar.

– Um bebê-vampiro? – perguntou Etta, e riu da mesma maneira que riria do marido que sempre leva para casa os itens mais estranhos do mercado de antiguidades. – Não conheço nenhum exterminador para o qual você possa ligar.

Magnus sorriu.

– Eu consigo resolver sozinho. Pode acreditar.

– Ah, normalmente acredito – respondeu Etta. – Apesar de minha mãe ter tentado me ensinar a ter mais juízo.

Magnus estava ao telefone papeando com Etta há apenas dois minutos, mas quando desligou foi para encontrar Raphael agachado na calçada. Ele sibilara, com as presas brancas e afiadas na noite, como um gato que protege a presa quando Magnus se aproximou. O homem em seus braços, com o colarinho branco da camisa totalmente vermelho, estava inconsciente; Magnus o afastou do vampiro sibilante e o colocou em um beco, torcendo para que acordasse acreditando que tinha sido assaltado.

Quando voltou para a calçada, Raphael ainda estava lá, com as mãos curvadas como garras e pressionadas contra o peito. Havia um rastro de sangue em sua boca. Magnus sentiu um profundo desespero no coração. Esta não era apenas uma criança sofrendo. Era um monstro com a face de um anjo de Caravaggio.

– Você devia ter me deixado morrer – disse Raphael com a voz baixa e oca.

– Não podia.

– Por que não?

– Porque prometi a sua mãe que o levaria para casa – respondeu Magnus.

Raphael congelou ao ouvir falar na mãe, da mesma forma como o fizera no hotel. Magnus viu seu rosto no brilho dos postes de rua. Ele tinha o olhar de uma criança que tinha acabado de levar um tapa no rosto: dor e espanto, e nenhuma condição de lidar com nenhuma das sensações.

– E você acha que ela iria me querer em casa? – perguntou Raphael. – *A-assim?*

Sua voz tremeu e seu lábio inferior, ainda sujo de sangue, estremeceu. Passou uma mão vil no próprio rosto, e Magnus viu novamente a forma como se recompôs instantaneamente, o controle severo que ele exercia sobre si mesmo.

– Olhe para mim – disse ele. – Diga que ela vai me convidar para entrar.

Magnus não tinha como dizer isso. Lembrou-se de como Guadalupe havia falado sobre monstros, os que andavam pela noite e atacavam inocentes. Pensou em como ela poderia reagir – a mulher que deu um crucifixo ao filho – a um filho com sangue nas mãos. Lembrou-se do próprio padrasto que o forçava a repetir orações até que as palavras sagradas tivessem um gosto amargo em sua boca; lembrou-se da mãe e de como ela não conseguiu tocá-lo depois que descobrira a verdade, e de como o padrasto o segurou embaixo d'água. No entanto, em algum momento eles o amaram, e ele os amou.

O amor não superava tudo. O amor nem sempre durava. Tudo que você tinha podia ser arrancado, o amor poderia ser tudo que lhe restava, e, em seguida, também poderia ser arrancado.

Mas Magnus sabia que o amor poderia ser uma última esperança e uma estrela-guia. Uma luz que se apagava já brilhara um dia.

Magnus não poderia prometer a Raphael o amor de sua mãe. Mas como Raphael ainda a amava, o feiticeiro queria ajudá-lo, e achava que sabia como.

Magnus avançou sobre o tapete de sua casa e viu os olhos de Raphael brilharem no escuro, espantados com o movimento súbito e cheio de propósito.

– E se ela não tivesse que saber?

Raphael piscou lentamente, quase como um réptil em hesitação.

– Como assim? – perguntou, esgotado.

Magnus pôs a mão no bolso, retirou algo brilhante de dentro dele e segurou-a na palma da mão.

– E se você entrasse pela porta – perguntou Magnus – usando o crucifixo que ela lhe deu?

Ele deixou o crucifixo cair, e Raphael, por puro reflexo, o segurou, com a mão aberta. O objeto caiu na palma de sua mão, e Magnus viu Raphael estremecer, estremecimento este que se transformou em um tremor que correu por todo o seu corpo e fez seu rosto enrijecer de dor.

– Muito bem, Raphael – falou Magnus gentilmente.

Raphael abriu os olhos e encarou Magnus, e isso não era o que Magnus esperava. O cheiro de carne queimando preencheu a sala. Ele ia ter que investir em um pouco *pot-pourri.*

– Muito bem, Raphael – disse Magnus. – Muito corajoso. Pode soltá-la agora.

Raphael sustentou o olhar de Magnus, e fechou lentamente os dedos sobre o crucifixo. Pequenos fios de fumaça passaram pelos espaços entre seus dedos.

– Muito bem? – ecoou o menino-vampiro. – Muito corajoso? Estou apenas começando.

Estava sentado no sofá de Magnus, o corpo inteiro arqueado de dor, segurando o crucifixo da mãe. E não o soltou.

Magnus reavaliou a situação.

– Um bom começo – disse-lhe em tom condescendente. – Mas precisará de bem mais do que isso.

Os olhos de Raphael se estreitaram, mas não respondeu.

– Claro – acrescentou Magnus casualmente –, talvez você não aguente. Terá muito trabalho, e você é só um menino.

– Sei que terei muito trabalho – disse-lhe Raphael, engolindo o fim de cada palavra. – Só tenho você para me ajudar, e você não impressiona muito.

Magnus percebeu que a pergunta no covil dos vampiros – *Você é burro?* – não tinha sido apenas uma expressão de desespero, mas uma representação da personalidade do menino.

Logo, o feiticeiro descobriria que esta era a expressão favorita de Raphael.

Nas noites que se seguiram, Raphael adquiriu roupas terrivelmente monocromáticas, espantou diversos clientes de Magnus com observações cáusticas, dedicou sua existência a irritar Magnus e permaneceu teimosamente imune a qualquer magia exibida pelo feiticeiro. Magnus o

alertou sobre os Caçadores de Sombras, os filhos do Anjo que tentariam liquidá-lo caso transgredisse alguma de suas Leis, e contou sobre tudo que ele poderia ter e sobre todas as pessoas que poderia conhecer. Todo o Submundo foi apresentado a ele: fadas, lobisomens e encantos, mas a única coisa que parecia interessar o menino era o tempo que conseguia segurar o crucifixo, e quanto tempo a mais conseguiria a cada noite.

O veredicto de Etta foi que nada conseguia impressioná-lo.

Etta e Raphael se mantinham distantes um do outro. Raphael ficou aberta e ofensivamente surpreso por Magnus ter uma amiga mulher, e Etta, apesar de saber sobre o Submundo, era muito cuidadosa em relação a seus integrantes, exceto Magnus. Raphael ficava fora do caminho quando Etta aparecia.

Magnus e Etta tinham se conhecido em uma casa noturna há quinze anos. Ele a convencera a dançar, e ela disse que, antes do fim da música, estava apaixonada. Ele lhe disse que se apaixonou antes mesmo de começar.

Quando Etta vinha de alguma apresentação que Magnus não acompanhara – e ele vinha perdendo muitas, por causa de Raphael –, era tradição ela tirar os saltos altos, com os pés doendo após uma noite longa, mas mantendo o vestido chique, e eles dançarem juntos, murmurando canções ao ouvido um do outro e competindo para ver que música dançariam por mais tempo.

Na primeira vez em que encontrou Raphael, Etta ficou um pouco quieta.

– Ele virou vampiro há poucos dias – disse ela finalmente enquanto dançavam. – Foi o que você disse. Antes ele era só um menino.

– Se serve de consolo, desconfio que ele fosse uma ameaça.

Etta não riu.

– Sempre pensei nos vampiros como criaturas velhas – falou. – Nunca pensei em como as pessoas se tornam essas criaturas. Acho que faz sentido. Digo... Raphael, o pobre menino, é jovem demais. Mas dá para entender alguém querer ser jovem para sempre. Assim como você.

Etta vinha falando sobre idade cada vez mais ultimamente. Ela não mencionava os homens que compareciam às casas noturnas para vê-la cantar, que queriam tirá-la de lá e ter filhos com ela. Não precisava.

Magnus entendia, conseguia ler os sinais como um marinheiro sabia quais nuvens do céu se converteriam em tempestade. Já tinha sido abandonado antes, por diversos motivos, e a situação não tinha qualquer ineditismo.

Você pagava um preço pela imortalidade, e as pessoas que você amava também, muitas e muitas vezes, sempre. Houve um pequeno grupo de pessoas importantes que ficou com Magnus até que a morte os separasse, mas fosse por morte ou por um novo caminho que pudessem seguir, todos acabavam deixando-o.

Não podia culpar Etta.

– Você ia querer? – perguntou Magnus afinal, após um longo tempo dançando. Não fez a oferta, mas pensou no assunto, e poderia ter providenciado. Havia maneiras. Maneiras pelas quais alguém poderia pagar um preço terrível. Meios que seu pai conhecia, e Magnus detestava o pai. Mas se ela pudesse ficar com ele para sempre…

Fez-se mais um silêncio. Tudo que ele ouviu foi o estalo dos próprios sapatos e os movimentos suaves dos pés descalços de Etta no piso de madeira.

– Não – disse Etta, com o rosto no ombro do feiticeiro. – Não, se eu pudesse fazer com que as coisas fossem do meu jeito, ia querer mais tempo com você. Mas eu não pararia o relógio por isso.

Lembretes estranhos e dolorosos vinham a Magnus uma vez ou outra, quando ele se acostumou a Raphael como o morador sempre irritado e irritante que caíra em seu colo. Surpreendia-se com um lembrete do que já sabia: que o relógio de Raphael fora parado, que sua vida humana lhe fora arrancada de modo terrível.

Magnus estava elaborando um novo penteado com o auxílio de gel e uma pitada de mágica quando Raphael chegou por trás e o surpreendeu. Raphael fazia isso com frequência, considerando que tinha os passos silenciosos de um vampiro. Magnus suspeitava que fizesse de propósito, mas como o menino jamais sorria era difícil dizer.

– Você é muito fútil – observou Raphael em tom de reprovação, olhando para o cabelo de Magnus.

– E você é um menino de 15 anos – rebateu Magnus.

Raphael normalmente tinha uma resposta para qualquer coisa que Magnus dissesse; mas, em vez disso, Magnus recebeu um longo silêncio. Quando levantou os olhos do espelho, viu que Raphael tinha ido até a janela e observava a noite.

– A esta altura eu teria 16 – disse Raphael, a voz tão fria e distante quanto a luz da lua. – Se eu tivesse sobrevivido.

Magnus se lembrou do dia em que percebeu que não estava mais envelhecendo, ao olhar em um espelho que parecia mais frio do que todos os espelhos que já tinha visto, como se visse o próprio reflexo em uma lasca de gelo. Como se o espelho fosse o responsável por ter mantido sua imagem tão congelada e distante.

Ficou imaginando o quão diferente seria para um vampiro saber o exato dia, hora, minuto em que deixou de fazer parte do calor e das mudanças comuns da humanidade. Quando você ficava parado, e o mundo girava e jamais sentia sua falta.

Não perguntou.

– Quem é como você – disse Raphael, que era a forma como ele se referia a feiticeiros, pois era muito galanteador – uma hora para de envelhecer, não? Vocês nascem como os humanos, e sempre são o que são, mas envelhecem como os humanos, até o dia em que não envelhecem mais.

Magnus ficou imaginando se Raphael teria lido os pensamentos em seu rosto.

– Isso mesmo.

– Você acha que quem é como você tem alma? – perguntou Raphael, continuando a olhar pela janela.

Magnus conhecia pessoas que achavam que não. Ele acreditava que sim, mas isso não queria dizer que nunca tinha duvidado.

– Não importa – continuou Raphael antes que Magnus pudesse responder. A voz soou seca. – De qualquer forma, tenho inveja de você.

– Por quê?

O luar transbordou sobre Raphael, clareando seu rosto, de modo que ele parecesse uma imagem de mármore de um santo que morrera jovem.

– Ou ainda possui alma – disse Raphael – ou nunca teve e não sabe o que é vagar pelo mundo condenado, exilado e sentindo falta de uma alma eternamente.

Magnus pousou a escova.

– Todos os integrantes do Submundo têm alma – falou. – É o que nos difere dos demônios.

Raphael zombou.

– Isso é crença Nephilim.

– E daí? – disse Magnus. – Às vezes, eles têm razão.

Raphael disse algo ofensivo em espanhol.

– Eles se acham tão salvadores, os *cazadores de sombras* – falou. – Os Caçadores. E mesmo assim nunca apareceram para me salvar.

Magnus olhou em silêncio para o menino. Nunca conseguiu argumentar contra as convicções de seu padrasto sobre o que Deus queria ou o que Deus julgava. Não sabia como convencer Raphael de que ele talvez ainda tivesse alma.

– Vejo que você está tentando me distrair da verdadeira questão. – Foi o que Magnus disse então. – Você fez aniversário, uma desculpa perfeita para eu providenciar uma das minhas famosas festas, e não me contou nada?

Raphael o encarou silenciosamente, em seguida virou-se e se retirou.

Magnus frequentemente pensava em adquirir um bicho de estimação, mas jamais cogitou ter um vampiro adolescente rabugento. Se Raphael fosse

embora, pensou, arrumaria um gato. E sempre faria uma festa de aniversário para o bichinho.

Não demorou muito até que Raphael tivesse conseguido usar o crucifixo no pescoço, a noite inteira, sem gritar ou exibir qualquer sinal visível de incômodo. Ao fim da noite, quando o removeu, ficou com uma marquinha tênue no peito, como se fosse de uma queimadura antiga, e foi tudo.

– Então é isso – disse Magnus. – Ótimo. Você está pronto! Vamos visitar sua mãe.

Magnus havia mandado uma mensagem a ela avisando para não se preocupar e pedindo que não o visitasse, pois estava utilizando toda a magia possível para salvar Raphael e não podia ser incomodado. Porém sabia que isso não a manteria afastada para sempre.

A expressão de Raphael estava vazia enquanto ele brincava com a corrente em uma das mãos, seu único sinal de incerteza.

– Não – falou. – Quantas vezes vai me subestimar? Não estou pronto. Não estou nem perto disso.

Explicou a Magnus o que queria fazer em seguida.

– Você está fazendo uma boa ação me ajudando – observou o menino na noite seguinte, ao se aproximarem do cemitério. Sua voz soou quase clínica.

Magnus pensou, mas não disse: *sim, pois já fiquei tão desesperado, infeliz e convencido de que não tinha alma quanto você*. Pessoas o ajudaram quando precisou, porque precisou e por nenhum outro motivo. Lembrou-se dos Irmãos do Silêncio indo até ele de Madri e ensinando que havia, sim, como viver.

– Não precisa agradecer. – Foi o que Magnus disse. – Não estou fazendo por você.

Raphael deu de ombros, um gesto fácil e fluido.

– Tudo bem, então.

– Digo, pode ser grato ocasionalmente – emendou Magnus. – Pode arrumar o apartamento uma vez ou outra.

Raphael considerou.

– Não, acho que não.

– Acho que sua mãe deveria ter lhe dado umas surras – declarou Magnus. – Com frequência.

– Meu pai me bateu uma vez, em Zacatecas – comentou Raphael casualmente.

Raphael nunca tinha falado no pai, e Guadalupe não mencionou marido, apesar de Magnus saber que havia diversos irmãos.

– Bateu? – Magnus tentou fazer a voz soar ao mesmo tempo neutra e encorajadora, caso Raphael quisesse se abrir.

Raphael, que não era do tipo que se abria, pareceu entretido.

– Ele não me bateu duas vezes.

Era um cemitério pequeno, escondido e distante no Queens, cercado por prédios altos e escuros, um armazém e uma casa vitoriana abandonada. Magnus tinha providenciado para que a área fosse regada com água benta, benzida e sacralizada. Igrejas eram territórios sacros, mas cemitérios não. Todos os vampiros tinham que ser enterrados em algum lugar, e tinham que ascender.

Não ofereceria uma barreira como o Instituto dos Caçadores de Sombras, mas seria bem difícil para Raphael colocar os pés naquele solo.

Era mais um teste. Raphael prometera que não faria nada além de colocar o pé no chão.

Raphael prometera.

Quando Raphael levantou o queixo, como um cavalo dando uma mordida, e correu direto para o solo sagrado, correndo, ardendo e gritando, Magnus ficou imaginando como poderia ter acreditado nele, e…

Raphael! – gritou e correu atrás do menino, pela escuridão e pelo território sacro.

Raphael pulou em um túmulo, aterrissou e se equilibrou. Seus cabelos cacheados se afastaram do rosto, o corpo se arqueara, e os dedos agarravam

a borda de mármore. Os dentes estavam expostos, das pontas cruéis à gengiva, e os olhos negros e sem vida. Parecia um fantasma, um pesadelo se levantando de um túmulo. Menos humano e com menos alma do que qualquer fera selvagem.

Ele pulou. Não para cima de Magnus, mas para o perímetro do cemitério. E se levantou do outro lado.

Magnus correu atrás dele; Raphael estava balançando, apoiado contra o muro baixo de pedra, como se mal conseguisse ficar de pé. A pele em seus braços visivelmente borbulhava. Ele parecia querer arrancar a epiderme restante por causa da agonia, mas estava sem forças para isso.

– Bem, você conseguiu – observou Magnus. – E com isso quero dizer que conseguiu quase que eu enfartasse. Não pare por aqui. A noite é uma criança. O que vai fazer para me perturbar em seguida?

Raphael olhou para ele e sorriu. Não foi uma expressão das melhores.

– Vou fazer a mesma coisa outra vez.

Magnus concluiu que ele mesmo tinha pedido.

Quando Raphael acabou de correr pelo território sagrado, não uma, mas dez vezes, apoiou-se no muro. Parecia desgastado e esgotado, e, apesar de fraco demais para correr, ficou encostado na parede murmurando para si mesmo, no início engasgando, mas depois conseguindo pronunciar a palavra, o nome de Deus.

Engasgou-se com o sangue enquanto falava, tossiu, e continuou murmurando.

– *Dios*.

Magnus olhou para ele, fraco demais para se levantar e mesmo assim ainda se machucando enquanto podia.

– Raphael, não acha que já fez o suficiente?

Previsivelmente, Raphael o encarou.

– Não.

– Você tem a eternidade para aprender a fazer isso e se controlar. Você tem...

– Mas *eles não*! – berrou Raphael. – *Dios*, você não entende nada? A única coisa que me resta é a esperança de vê-los, de não partir o coração da minha mãe. Preciso convencê-la. Preciso que seja perfeito, e preciso que seja logo, enquanto ela ainda acredita que eu esteja vivo.

Ele disse "*Dios*" quase sem tremer daquela vez.

– Você está sendo muito bom.

– Não é mais possível que eu seja bom – disse Raphael, com a voz fria. – Se eu ainda fosse bom e corajoso, faria o que minha mãe gostaria se soubesse a verdade. Sairia ao sol e acabaria com minha própria vida. Mas sou uma fera egoísta, má e sem coração, e ainda não quero arder no fogo do Inferno. Quero ver minha m-mãe, e vou. Vou. Vou!

Magnus assentiu.

– E se Deus pudesse ajudar? – perguntou gentilmente.

Era o mais próximo que conseguia de *e se tudo em que você acredita estiver errado e você ainda puder ser amado e perdoado?*

Raphael balançou a cabeça teimosamente.

– Sua uma Criança Noturna. Não sou mais filho d'ele, não estou mais sob Sua proteção. Deus não vai me ajudar – respondeu com a voz embargada e a boca cheia de sangue. Cuspiu o sangue outra vez. – E Deus não vai me conter.

Magnus não discutiu. Raphael ainda era bastante jovem de muitas formas, e o mundo tinha sucumbido ao seu redor. Tudo que lhe restava para dar sentido às coisas eram suas crenças, e ele se agarraria a elas mesmo que fossem as mesmas que lhe dissessem que estava totalmente perdido, condenado e morto.

Magnus nem mesmo sabia se seria certo tentar tirar dele essas crenças.

Naquela noite Magnus dormiu e acordou e ouviu o murmúrio baixo e fervorosa da voz de Raphael. Ele tinha ouvido muitas pessoas rezando, e reconhecia o som. Escutou os nomes, nomes estranhos, e ficou imaginando se seriam os amigos de Raphael. Em seguida, ouviu o nome Guadalupe, da mãe, e soube que os outros nomes tinham que ser dos irmãos do rapaz.

Assim como os mortais chamavam por Deus, anjos e santos, assim como entoavam as orações do rosário, Raphael dizia os únicos nomes sagrados para ele e que não queimavam sua língua. Raphael estava chamando a família.

Havia muitos aspectos negativos em dividir a casa com Raphael que não envolviam a convicção do menino de que ele era uma alma perdida e condenada, nem mesmo o fato de que ele gastava muito sabão no banho (apesar de nunca suar e não precisar de tantos banhos assim), ou o fato de que jamais lavava a louça. Quando Magnus fez essa observação, Raphael respondeu que ele nunca comia e, portanto, não sujava nenhuma louça, o que era a cara dele.

Mais uma desvantagem se tornou clara no dia em que Ragnor Fell, o Alto Feiticeiro de Londres e eterna pedra verde no sapato de Magnus, veio fazer uma visita inesperada.

– Ragnor, que surpresa agradável – disse o feiticeiro, abrindo a porta.

– Fui pago por alguns Nephilim para vir – disse Ragnor. – Queriam um feitiço.

– E minha lista de espera estava muito grande. – Magnus moveu a cabeça com ar de tristeza. – Sou muito requisitado.

– E você constantemente irrita os Caçadores de Sombras, então, nenhum deles gosta de você, exceto por alguns rebeldes – disse Ragnor. – Quantas vezes já lhe disse, Magnus? Comporte-se de maneira profissional em ambientes profissionais. Ou seja, não deve ser rude com os Nephilim, nem se apegar a eles.

– Jamais me apego aos Nephilim! – protestou Magnus.

Ragnor tossiu, e em meio à tosse disse algo que soava como "blerondale".

– Bem – disse Magnus. – Quase nunca.

– Não deve se apegar aos Nephilim – repetiu Ragnor severamente. – Fale de modo respeitoso com seus clientes e ofereça a eles o serviço que

desejam, assim como a magia. E guarde a incivilidade para os seus amigos. Por falar nisso, não o vejo há séculos, e você está ainda mais horrível do que de costume.

– Que mentira absurda – retrucou Magnus.

Ele sabia que estava muito bem. Estava com uma gravata belíssima de brocado.

– Quem está aí? – Era a voz autoritária de Raphael que flutuou do banheiro, e com ela veio o resto dele, de toalha e parecendo tão crítico como sempre. – Já falei que você tem que começar a trabalhar em horário comercial, Bane.

Ragnor cerrou os olhos para Raphael. O menino retribuiu o olhar malignamente. Havia certa tensão no ar.

– Ah, Magnus – disse Ragnor, e cobriu os olhos com sua mão verde e grande. – Ah, não, não.

– O quê? – perguntou Magnus, confuso.

Ragnor abaixou a mão abruptamente.

– Não, você tem razão, é claro. Estou sendo tolo. Ele é um vampiro. Só parece ter 14 anos. Quantos anos você tem? Aposto que mais do que nós dois, ha ha.

Raphael olhou para Ragnor como se o feiticeiro fosse louco. E achou ótimo ver outra pessoa recebendo aquele olhar, para variar.

– Eu teria 16 – respondeu lentamente.

– Ah, Magnus! – lamentou Ragnor. – Isso é nojento! Como pôde? Perdeu o juízo?

– O quê? – perguntou Magnus outra vez.

– Concordamos que 18 era a idade mínima – disse Ragnor. – Eu, você e Catarina fizemos um juramento.

– Um ju... Ah, espere. Você acha que estou namorando Raphael?! – perguntou Magnus. – Raphael? Isso é ridículo. É...

– Essa é a ideia mais nojenta que já ouvi.

A voz de Raphael soou até o teto. Provavelmente o escutaram até na rua.

– Isso é um certo exagero – disse Magnus. – E, francamente, me magoa.

– E se eu desejasse me entregar a impulsos nada naturais, e, permita-me ser claro, certamente não desejo – continuou Raphael desdenhosamente –, até parece que *ele* seria o escolhido. Ele! Que se veste como um maluco, age como um tolo, e faz piadas mais idiotas do que os homens que vivem sendo ovados todo sábado na frente do *Dew Drop*.

Ragnor começou a rir.

– Homens melhores já imploraram por uma chance de ganhar isso tudo – murmurou Magnus. – Já duelaram por mim. Um homem duelou *para* mim, mas isso é um pouco constrangedor, considerando que já faz muito tempo.

– Sabia que, às vezes, ele passa horas no banheiro? – anunciou Raphael sem dó. – Desperdiça magia no cabelo. No cabelo!

– Amei esse garoto – falou Ragnor.

Claro que amou. Raphael se afligia em relação ao mundo como um todo, gostava particularmente de insultar Magnus, e tinha uma língua tão afiada quanto seus dentes. Obviamente era a alma gêmea de Ragnor.

– Leve-o – sugeriu Magnus. – Leve-o para longe, para bem longe.

Em vez disso, Ragnor pegou uma cadeira, e Raphael se vestiu e se juntou aos dois.

– Deixe-me contar mais uma coisa sobre Bane – começou Raphael.

– Vou sair – anunciou Magnus. – Eu descreveria o que vou fazer na rua, mas acho difícil acreditar que algum de vocês entenda o conceito de "se divertir com pessoas interessantes". Não pretendo voltar até que vocês parem de ofender seu belo anfitrião.

– Então vai se mudar e me dar o apartamento? – perguntou Raphael. – Eu aceito.

– Um dia essa boca vai encrencá-lo – falou Magnus sombriamente por cima do ombro.

– Olha quem fala – disse Ragnor.

– Hein? – disse Raphael, lacônico como sempre. – Alma maldita.

Pior companheiro de apartamento da história.

Ragnor ficou por treze dias. Foram os treze dias mais longos da vida de Magnus. Toda vez que Magnus tentava se divertir, lá estavam eles, o baixinho e o verde, balançando a cabeça em reprovação e fazendo comentários. Em certa ocasião, Magnus virou a cabeça rapidamente e os viu se cumprimentando.

– Escreva para mim – disse Ragnor a Raphael enquanto saía. – Ou telefone, se quiser. Sei que os jovens gostam disso.

– Foi um prazer conhecê-lo, Ragnor – disse Raphael. – Eu já estava começando a achar que todos os feiticeiros fossem inúteis.

Pouco depois que Ragnor se foi, Magnus tentou se lembrar da última vez em que Raphael havia bebido sangue. Magnus sempre evitava pensar em como Camille se alimentava, mesmo quando a amava, e não queria ver Raphael matando de novo. Mas notou que o tom de pele de Raphael havia mudado, notou a expressão tensa em sua boca, e pensou: chegar tão longe e Raphael se destruir por puro desespero.

– Raphael, não sei exatamente como dizer isso, mas você tem se alimentado direito? – perguntou Magnus. – Até pouco tempo você era um menino em fase de crescimento.

– *El hambre agudiza el ingenio* – falou Raphael.

A fome acentua a inteligência.

– Bom provérbio – disse Magnus. – No entanto, como a maioria dos provérbios, soa sábio, mas não esclarece nada.

– Acha que eu me permitiria chegar perto da minha mãe, dos meus irmãos, se eu não tivesse total certeza de que podia me controlar? – respondeu Raphael. – Preciso saber que, se estiver preso em um quarto com algum deles, há dias sem sangue, serei capaz de me controlar.

Raphael quase matou outro homem na outra noite, bem diante dos olhos de Magnus. Conseguiu provar seu argumento.

Magnus não precisava se preocupar com Raphael passando fome por pena, misericórdia nem qualquer sentimento em relação ao resto da

humanidade. Raphael não se considerava mais parte da raça humana. Achava que podia pecar, pois já estava condenado. Só estava praticando a abstinência para provar ser capaz disso, para testar os próprios limites e para exercitar o pleno autocontrole que estava determinado a alcançar.

Na noite seguinte, Raphael correu por território sacro e, em seguida, tomou calmamente o sangue de um vagabundo dormindo na rua, que talvez jamais acordasse, apesar do feitiço de cura que Magnus sussurrou sobre ele. Estavam caminhando pela noite, e Raphael calculava em voz alta quanto tempo ainda levaria para obter a força necessária.

– Acho que você já está bem forte – disse Magnus. – E tem bastante autocontrole. Veja só como está reprimindo todo o heroísmo que está doido para me mostrar que tem.

– Às vezes, é um verdadeiro exercício me controlar para não rir na sua cara – respondeu Raphael solenemente. – Isso é verdade.

Foi então que Raphael enrijeceu e, quando Magnus emitiu um ruído inquisidor, o menino sinalizou para que fizesse silêncio rapidamente. Magnus olhou para os olhos escuros de Raphael e seguiu a direção em que estavam fixos. Ele não sabia para onde Raphael estava olhando, mas concluiu que não faria mal seguir o vampiro quando ele se moveu.

Havia um beco que se estendia atrás de um restaurante abandonado. Nas sombras, ouvia-se um ruído que poderia ser de ratos no lixo, mas conforme se aproximaram Magnus pôde ouvir o que atraíra Raphael: o barulho de risos, o som de sucção e os gemidos de dor.

Ele não sabia ao certo o que Raphael estava fazendo, mas não tinha planos de abandoná-lo agora. Magnus estalou os dedos, e fez-se a luz – que irradiou de sua mão, preencheu o beco com brilho e iluminando as faces de quatro vampiros na frente dele, e uma vítima.

– O que pensam que estão fazendo? – perguntou Raphael.

– O que parece? – respondeu a única menina do grupo.

Magnus a reconheceu como a alma corajosa e solitária que o recebeu no Hotel Dumont.

– Estamos bebendo sangue. O que foi, você é novo?

– É isso que estão fazendo? – perguntou Raphael com uma voz de exagerada surpresa. – Mil desculpas. Acho que não notei, pois estava preocupado demais com o excesso de burrice de vocês.

– Burrice? – ecoou a menina. – Não quer dizer "erro"? Está nos dando sermão sobre...

Raphael estalou os dedos impacientemente para ela.

– Se estou falando em "erro"? – disse ele. – Já estamos todos mortos e condenados. O que "erro" significa para nós?

A menina inclinou a cabeça e pareceu pensativa.

– Quero dizer *burrice* – declarou Raphael. – Não que eu considere honroso caçar uma criança tola, diga-se de passagem. Pense no seguinte: você a mata e coloca os Caçadores de Sombras na nossa cola. Não sei quanto a vocês, mas eu não quero que os Nephilim apareçam e encurtem minha vida com uma lâmina porque alguém foi tolo demais.

– Então você está dizendo "poupe a vida dela" – rosnou um dos meninos, apesar de a garota ter lhe dado uma cotovelada.

– Mas mesmo que não a mate – continuou Raphael impiedosamente, como se ninguém o tivesse interrompido –, bem, então já tomaram o sangue dela, em condições frenéticas e descontroladas que facilmente fariam com que ela acidentalmente provasse do sangue de vocês. O que a deixará com a compulsão de segui-los. Façam isso com vítimas o bastante e vocês serão sufocados por subjugados, e, sinceramente, eles não são muito bons de papo, ou farão mais vampiros. Matematicamente falando, uma hora dessas vocês terão problemas com o suprimento de sangue, pois não restarão mais humanos. E os humanos podem esgotar os recursos quando souberem que não estarão por perto para lidar com as consequências, mas vocês nem têm essa desculpa. *Céus*, vocês vão pensar enquanto uma lâmina serafim cortar suas cabeças, ou vão olhar em volta ao morrer de fome, *se ao menos tivéssemos sido espertos e escutado Raphael quando tivemos a chance...*

– Ele está falando sério? – perguntou outro vampiro, soando impressionado.

– Quase invariavelmente – comentou Magnus. – É o que o torna tão entediante.

– É esse seu nome? Raphael? – perguntou a vampira. Ela estava sorrindo, com os olhos negros dançando.

– Sim – respondeu Raphael de imediato, imune ao flerte, assim como era imune a todas as coisas divertidas. – De que adianta ser imortal, se não fizer nada com isso além de ser irresponsável e inaceitavelmente estúpido? Qual é seu nome?

O sorriso da vampira se expandiu, exibindo as presas que brilhavam por trás da boca com batom.

– Lily.

– Aqui jaz Lily – disse Raphael. – Morta por caçadores de vampiros porque estava assassinando pessoas sem a inteligência de cobrir seus rastros.

– O que foi, agora está dizendo que tem medo de mundanos? – perguntou outro vampiro, rindo. E este era um homem com cabelos grisalhos nas têmporas. – Essas são histórias antigas contadas para assustar os mais jovens de nós. Presumo que você seja muito novo, mas...

Raphael sorriu, com as presas expostas, apesar de sua expressão não ter nada a ver com humor.

– Sou bem jovem – falou. – E quando estava vivo, era caçador de vampiros. Matei Louis Karnstein.

– Você é um vampiro caçador de vampiros? – perguntou Lily.

Raphael praguejou em espanhol.

– Não, claro que não sou um vampiro caçador de vampiros – falou. – Exatamente que espécie de cretino traidor eu seria? Além do mais, que coisa tola. Eu logo seria morto por todos os outros vampiros, que se uniriam contra uma ameaça comum. Pelo menos, espero que sim. Talvez todos fossem tolos demais. Eu sou alguém que fala coisas sensatas – informou Raphael com ar severo –, e tem *muito pouca* competição para o trabalho.

O vampiro grisalho estava quase fazendo beicinho.

– Lady Camille nos deixa fazer o que quisermos.

Raphael não era tolo. Não ofenderia a líder do clã de vampiros de sua própria cidade.

– Lady Camille evidentemente tem muito que fazer sem ter que se preocupar em correr atrás de idiotas como vocês, e ela acha que vocês são mais ajuizados do que de fato são. Deixe-me oferecer algo para vocês pensarem, se forem capazes de pensar.

Lily foi para perto de Magnus, com os olhos ainda em Raphael.

– Eu gosto dele – falou. – Ele é mais ou menos chefe, apesar de ser tão estranho. Entendeu o que quero dizer?

– Desculpe. Fiquei surdo de espanto por alguém conseguir gostar de Raphael.

– E ele não tem medo de nada – prosseguiu Lily, sorrindo. – Ele fala com Derek como um professor conversando com um aluno malcomportado, e eu já vi com meus próprios olhos Derek arrancando cabeças de pessoas e bebendo do tronco delas.

Ambos olharam para Raphael, que fazia um discurso. Os outros vampiros se encolhiam ligeiramente.

– Vocês já estão mortos. Querem deixar de existir completamente? – perguntou Raphael. – Assim que deixarmos este mundo, só teremos tormento e fogueiras eternas no Inferno. Querem que sua existência condenada não sirva para nada?

– Acho que preciso beber alguma coisa – murmurou Magnus. – Mais alguém quer um drinque?

Todos os vampiros, exceto Raphael, levantaram as mãos. Raphael pareceu acusar e julgar a todos, mas Magnus acreditava que o rosto dele fosse daquele jeito mesmo.

– Muito bem. Estou preparado para dividir – disse Magnus, pegando a garrafa dourada do lugar feito sob medida para ela no cinto. – Mas aviso logo que estou sem sangue de inocentes. Isto é uísque.

Depois que os outros vampiros ficaram embriagados, Raphael e Magnus mandaram a mundana embora; ela ficara um pouco tonta pela perda de sangue, mas, fora isso, bem. Magnus não se surpreendeu com o *encanto*

exercido por Raphael sobre ela. Supôs que o menino também andasse treinando isso. Ou talvez impor a vontade aos outros fosse natural para Raphael.

– Nada aconteceu. Você vai deitar em sua cama e não se lembrará de nada. Não vá andar por essas regiões à noite. Encontrará homens desagradáveis e demônios sugadores de sangue – disse-lhe Raphael com os olhos fixos. – E frequente a igreja.

– Você acha que sua missão na vida é dizer a todos o que fazer? – perguntou Magnus enquanto caminhavam de volta para casa.

Raphael o olhou amargamente. Tinha um rosto tão doce, Magnus pensou, o rosto de um anjo inocente, e a alma da pessoa mais irritadiça do mundo.

– Você jamais deveria voltar a usar esse chapéu.

– Exatamente o meu argumento – disse Magnus.

A casa dos Santiago ficava no Harlem, na rua 129 com a avenida Lenox.

– Não precisa ficar me esperando – disse Raphael a Magnus enquanto caminhavam. – Eu estava pensando em depois disso, independentemente do que acontecer, ir procurar Lady Camille Belcourt e morar com os vampiros. Posso ser útil lá, e me faria bem... ter o que fazer. Eu... peço desculpas se isso lhe ofende.

Magnus pensou em Camille, e em todas as suspeitas que tinha a seu respeito. Lembrou-se de todo o horror dos anos 1920 e de como ainda não sabia qual o envolvimento dela naquilo tudo.

Mas Raphael não podia continuar como hóspede de Magnus, um hóspede temporário no Submundo, sem onde pertencer, sem nada que o ancorasse nas sombras e o mantivesse afastado do sol.

– Ah, não, Raphael, por favor, não me deixe – disse Magnus em tom monótono. – Onde eu estaria sem a luz do seu doce sorriso? Se você for, vou me jogar no chão e chorar.

– Vai? – perguntou Raphael, erguendo uma sobrancelha fina. – Porque se for, eu fico para assistir ao show.

– Saia – disse Magnus. – Vá! Eu o quero longe. Vou dar uma festa quando você sair, e você detesta festas. Assim como moda, música e diversão como conceito. Jamais vou culpá-lo por seguir seu caminho e fazer o que mais lhe agrada. Quero que tenha um propósito. Uma motivação para viver, mesmo que não se considere vivo.

Fez-se uma breve pausa.

– Bem, ótimo – respondeu Raphael. – Porque eu ia de qualquer jeito. Cansei do Brooklyn.

– Você é um moleque intragável – informou Magnus, e Raphael sorriu um de seus raros e surpreendentemente doces sorrisos.

Seu sorriso desbotou rapidamente ao se aproximarem da antiga vizinhança. Magnus percebeu que Raphael estava lutando contra o pânico. O feiticeiro se lembrou do rosto da mãe e do padrasto. Conhecia a sensação de ter a família lhe dando as costas.

Preferia que lhe tirassem o sol, como já acontecera a Raphael, a ficar sem amor. Flagrou-se rezando, algo que raramente fizera em anos, como o homem que o criou costumava fazer, como Raphael fazia, para que ele não tivesse que perder as duas coisas.

Aproximaram-se da porta da casa, uma varanda com treliças verdes desbotadas. Raphael a encarou com uma mistura de desejo e medo, como um pecador olharia para os portões do Paraíso.

Ficou a cargo de Magnus bater à porta e esperar que atendessem.

Quando Guadalupe Santiago abriu e viu o filho, a hora de rezar acabou.

Magnus enxergou todo o coração da mãe nos olhos ao ver Raphael. Ela não se moveu, não se jogou em cima dele. Estava olhando fixamente para o rosto de anjo e os cachos escuros, o corpo magro e as faces rubras – ele tinha se alimentado antes de ir para parecer mais vivo – e, acima de tudo, olhou para a corrente de ouro no pescoço do menino. Será que era o crucifixo? Magnus viu que ela estava imaginando. Será que era seu presente, que ela lhe dera para protegê-lo?

Os olhos de Raphael brilhavam. Era a única parte para a qual não tinha se preparado, percebeu Magnus, subitamente horrorizado. A única coisa que não treinaram era impedir que o menino chorasse. Se derramasse lágrimas na frente da mãe, estas seriam de sangue, e seria o fim.

Magnus começou a falar o mais rápido possível.

– Encontrei seu filho para você, conforme me pediu – disse. – Mas quando cheguei, ele estava quase morto, então, tive que lhe dar um pouco do meu poder, fazê-lo como eu – Magnus olhou nos olhos de Guadalupe, apesar de isso ter sido difícil, considerando que toda a atenção dela estava no filho. – Um fazedor de magia – disse ele, como ela lhe dissera uma vez. – Um mago imortal.

Ela achava que vampiros eram monstros, mas tinha procurado Magnus para obter ajuda. Podia confiar em um feiticeiro. Podia acreditar que um feiticeiro não fosse condenado.

O corpo inteiro da mulher ficou tenso, mas ela fez um curto gesto afirmativo com a cabeça. Tinha entendido as palavras, Magnus sabia, e queria acreditar. Queria tanto acreditar no que estavam dizendo que não conseguia confiar neles.

Guadalupe parecia mais velha do que há alguns meses, esgotada pela ausência do filho. Parecia mais velha, mas nem por isso menos firme, e estava na porta bloqueando a entrada com o braço, com as crianças olhando em volta, porém, protegidas pelo corpo da dona da casa.

Mas ela não fechou a porta. Ouviu a história e deu toda a atenção a Raphael, e seus olhos traçavam as linhas familiares do rosto do filho cada vez que ele falava.

– Passei todo esse tempo treinando para poder voltar para você e fazê-la se orgulhar de mim. Mãe – disse Raphael –, eu garanto, imploro que acredite em mim. Ainda tenho uma alma.

Os olhos de Guadalupe continuavam fixos na corrente fina e brilhante que ele usava no pescoço. Os dedos trêmulos de Raphael puxaram o crucifixo de dentro da camisa. Ele dançou ao pender da mão dele, dourado e brilhante, a coisa mais luminosa da noite desta cidade.

– Você usou – sussurrou Guadalupe. – Temi que não ouvisse sua mãe.

– Claro que ouvi – respondeu Raphael, com a voz trêmula. Mas ele não chorou, não Raphael, que tinha vontade férrea. – Usei, e ele me protegeu. Me salvou. Você me salvou.

Então, todo o corpo de Guadalupe mudou, daquela imobilidade forçada ao movimento, e Magnus notou que mais uma pessoa na conversa exercia seu autocontrole férreo. Soube a quem Raphael tinha puxado.

Ela ultrapassou a entrada e estendeu os braços. Raphael correu para a mãe, saiu de perto de Magnus mais depressa do que qualquer humano seria capaz, e passou um braço firme pelo pescoço dela. Ele estava tremendo nos braços dela, tremendo, enquanto a mãe o afagava na cabeça.

– Raphael –murmurou ela nos cachos do filho. Primeiro, Magnus e o menino pareceram incapazes de parar de falar, e agora parecia que era ela que não conseguia. – Raphael, *mijo*, Raphael, meu Raphael.

Inicialmente Magnus soube pelo emaranhado de palavras de amor e conforto que ela estava convidando Raphael a entrar, que estavam seguros, que tinham conseguido, que Raphael poderia ter a família e a família jamais teria que saber. Todas as palavras que disseram foram de carinho e declarações, amor e propriedade: meu filho, meu menino, minha criança.

Os outros meninos se reuniram em torno de Raphael, após receberem a bênção da mãe, e ele os tocou com mãos gentis, tocou os cabelos dos pequenos e afagou com um afeto que parecia descuidado, apesar de muito cuidadoso, e cumprimentou os meninos com firmeza, mas não em excesso.

Desempenhando o papel de professor e benfeitor de Raphael, Magnus também o abraçou. Irritadiço como era, Raphael não parecia muito receptivo a abraços. Magnus não ficava tão próximo de Raphael desde o dia em que o impediu de se jogar ao sol. As costas de Raphael pareciam magras sob as mãos de Magnus – frágeis, apesar de ele não ser.

– Eu lhe devo uma, feiticeiro – disse Raphael, um suspiro frio ao ouvido de Magnus. – Prometo que não vou me esquecer.

– Não seja ridículo – disse Magnus, e, em seguida, porque seria seguro, afagou o cabelo de Raphael ao recuar.

O olhar indignado na face do menino foi hilariante.

– Vou deixá-lo a sós com sua família – disse Magnus, e se retirou.

Antes de fazê-lo, no entanto, parou e criou algumas faíscas azuis entre os dedos que formaram minúsculas casas e estrelas de brinquedo, que transformavam a magia em algo divertido, que as crianças não temessem. Magnus disse a elas que Raphael não era tão talentoso nem fabuloso quanto ele e que por muitos anos não conseguiria executar esses milagres. Efetivou uma reverência cheia de floreios que fez com que os pequenos rissem e Raphael revirasse os olhos.

Magnus se retirou, caminhando lentamente. O inverno se aproximava, mas ainda não tinha chegado, e ele se alegrava em caminhar e aproveitar as pequenas coisas da vida, o vento frio, as poucas folhas douradas que ainda se curvavam sob seus pés, as árvores nuas no alto, que esperavam para renascer em sua glória. Ele voltaria para um apartamento que provavelmente pareceria vazio demais, mas logo convidaria Etta para uma visita, e ela dançaria com ele e preencheria o recinto com amor e risadas, assim como preencheria a vida de Magnus com amor e risadas, por mais algum tempinho antes de deixá-lo.

Ele ouviu passos ressoando por trás de si e, por um instante, achou que fosse Raphael, a farsa subitamente arruinada após se considerarem vitoriosos.

Mas não era Raphael. Magnus passou muitos meses sem ver Raphael. Quando o reencontrou, ele era o braço direito de Camille, calmamente dava ordens a vampiros centenas de anos mais velhos, de um jeito que só Raphael conseguiria. Nessa ocasião, ele falou com Magnus como um importante membro do Submundo se comunicando com outro, com muito profissionalismo. Mas Magnus sabia que Raphael não tinha se esquecido de nada. As relações sempre foram tensas entre Magnus e os vampiros de Nova York, o clã de Camille, mas, de repente, passaram a ser menos forçadas. Os vampiros de Nova York passaram a frequentar suas festas, apesar de Raphael não o fazer, e o procuravam para buscar ajuda mágica, apesar de Raphael também não o fazer.

Os passos que perseguiam Magnus na noite fria de inverno não pertenciam a Raphael, mas a Guadalupe. Ela estava arfando em consequência da corrida, os cabelos escuros soltando dos grampos, formando uma nuvem sobre sua cabeça. Quase esbarrou no feiticeiro antes de conseguir se conter.

– Espere – disse ela. – Eu não lhe paguei.

As mãos de Guadalupe tremiam e derrubavam as notas. Magnus fechou os dedos da mulher em volta do dinheiro e fechou as mãos nas dela.

– Aceite – insistiu ela. – Aceite. Você fez jus; mereceu mais. Você o trouxe de volta para mim, meu menino mais velho, o mais doce, meu coração, meu jovem corajoso. Você o salvou.

Ela continuava tremendo enquanto Magnus segurava suas mãos; então, o feiticeiro apoiou a testa na dela. Segurou Guadalupe perto o bastante para beijá-la, perto o bastante para sussurrar os segredos mais importantes do mundo, e falou com ela como gostaria que algum bom anjo tivesse falado com sua família, com sua própria alma trêmula, há muito tempo, em uma terra distante:

– Não – murmurou Magnus. – Não, não salvei. Você o conhece melhor do que ninguém jamais conhecerá. Você o fez, ensinou-o a ser como é, e o conhece profundamente. Você sabe o quanto Raphael é forte. Sabe o quanto ele a ama. Se eu lhe dei alguma coisa, dê-me sua fé agora. Ensine uma coisa a todos os seus filhos. Eu jamais lhe disse uma verdade mais verdadeira do que esta. Acredite nisso, se não acreditar em mais nada. Raphael salvou a si mesmo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

As crônicas de Bane - Salvando Raphael Santiago

Matéria sobre o livro
http://www.laminaserafim.com.br/confira-a-capa-de-as-cronicas-de-bane-salvando-raphael-santiago/

Wikipedia do livro
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Tumblr da autora
http://cassandraclare.tumblr.com/

Site da autora
http://www.cassandraclare.com/

Capa

Rosto

Créditos

Livro

Colofão

Saiba mais